

**AVATAR DE**  
**KUSHIEL**  
*Jacqueline Carey*

Tradução de *Teresa Martins de Carvalho*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

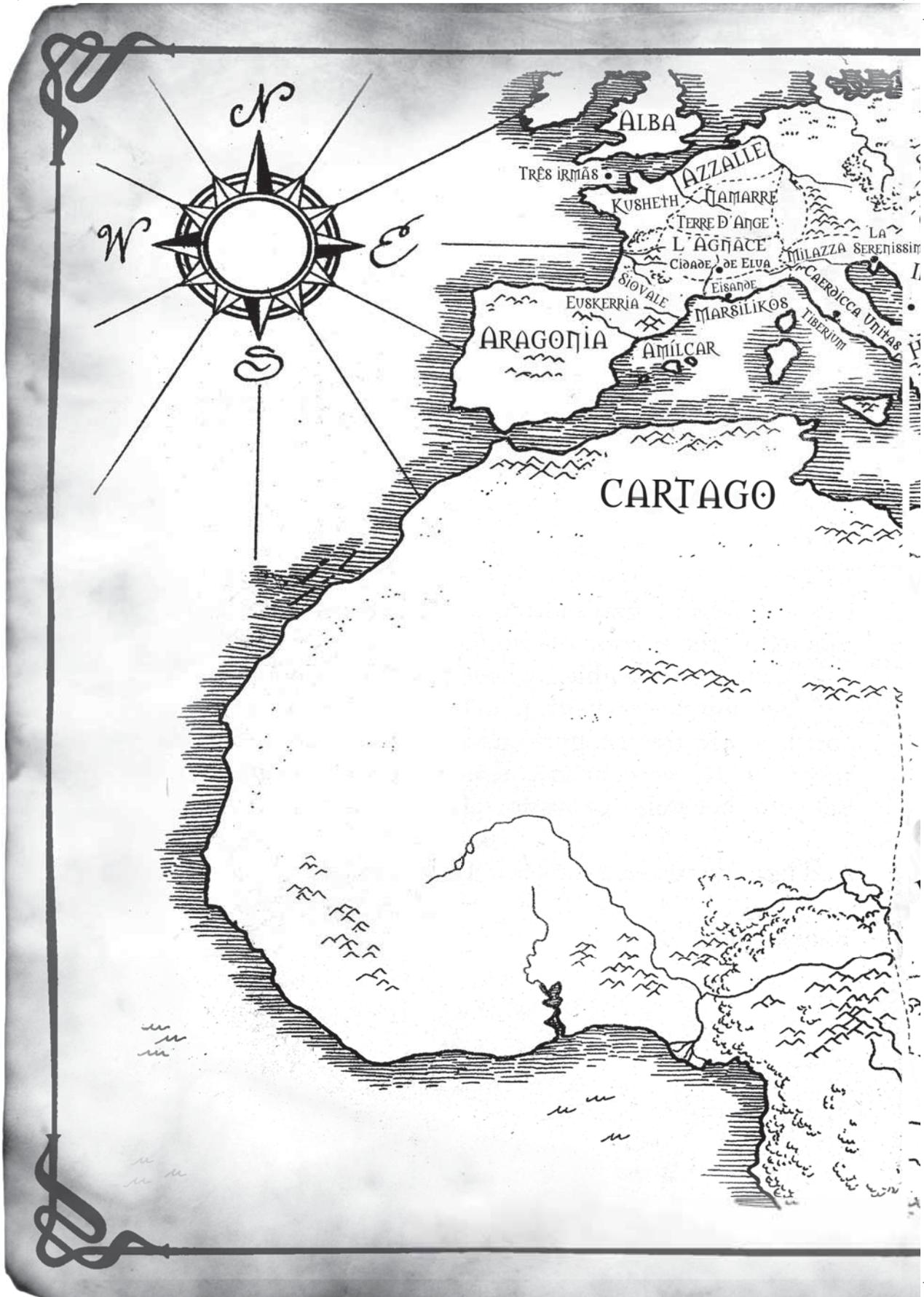


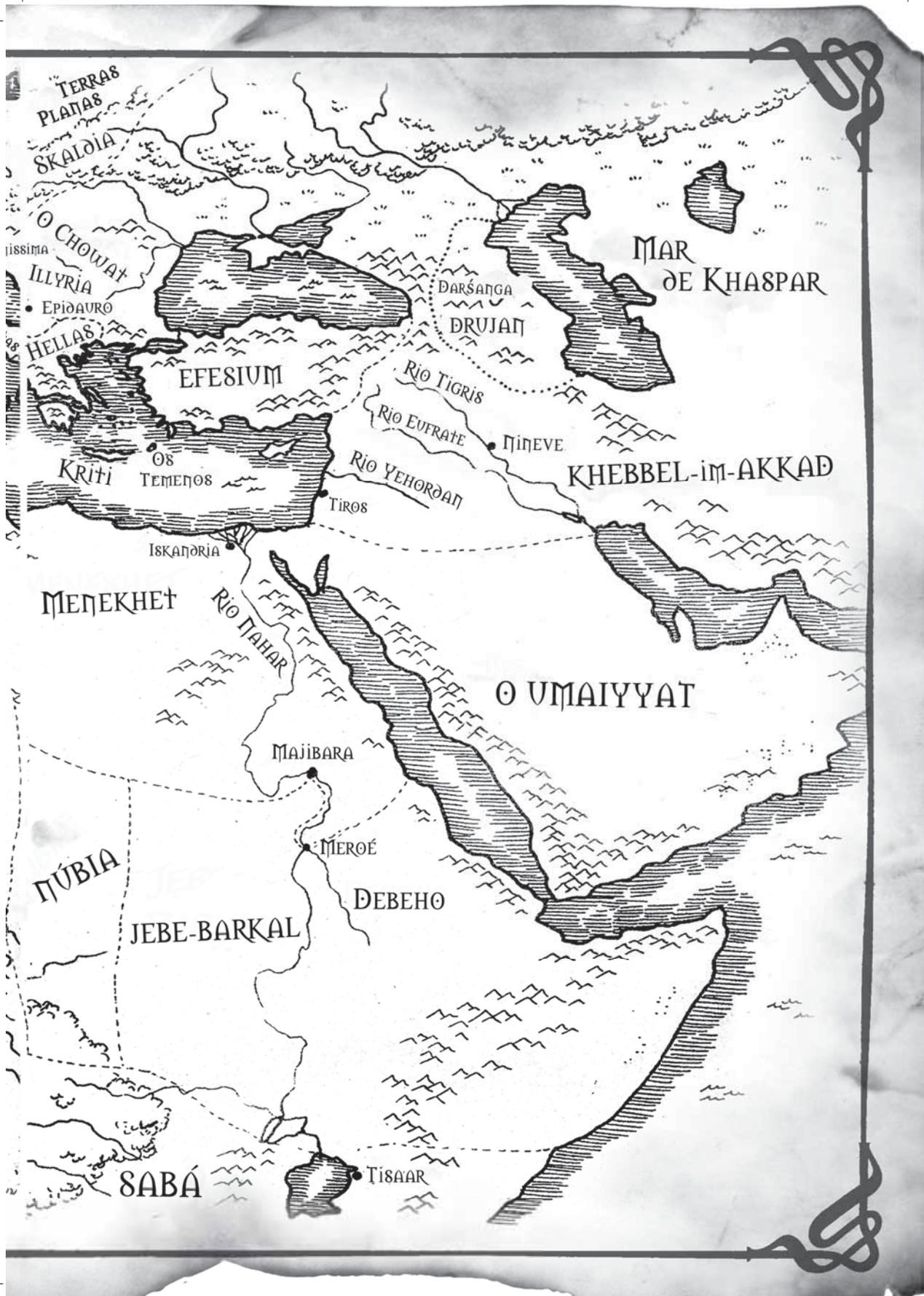
## AGRADECIMENTOS

Tenho uma dívida de gratidão para com todas as pessoas que contribuíram para o sucesso da trilogia O Legado de Kushiel; para com o meu primeiro agente, Todd Keithley, cuja fé nos livros tornou isto possível, e para com a minha agente, Jane Dystel, cujo continuado apoio levou a trilogia à sua conclusão e abriu portas para lá dela. Para com todos na Tor, e especialmente para com a minha editora, Claire Eddy, tanto pela sua competência como pela sua paixão.

E por último, mas nunca, jamais, menos importante: para com os leitores.

Obrigada.







## Dramatis Personae

### CASA DE PHÈDRE

Anafiel Delaunay de Montrève — mentor de Phèdre (*falecido*)  
Alcuin nó Delaunay — pupilo de Delaunay (*falecido*)  
Phèdre nó Delaunay de Montrève — Comtesse de Montrève;  
anguissette  
Benoit, Gemma — pessoal doméstico  
Fortun, Remy, Ti-Philippe — chevaliers, alcunhados Os Ra-  
pazes de Phèdre  
Eugènie — cozinheira  
Joscelin Verreuil — Irmão Cassiline (Siovale)  
Purnell Friote — senescal de Montrève  
Richeline Friote — esposa de Purnell

### MEMBROS DA FAMÍLIA REAL:

#### Terre d'Ange

Ysandre de la Courcel — Rainha de Terre d'Ange; casada com  
Drustan mab Necthana  
Ganelon de la Courcel — anterior Rei de Terre d'Ange; avô de  
Ysandre (*falecido*)  
Isabel L'Envers de la Courcel — mãe de Ysandre (*falecida*)  
Rolande de la Courcel — pai de Ysandre (*falecido*)  
Barquiel L'Envers — irmão de Isabel; Duc L'Envers (Namarre)  
Baudoin de Trevalion — filho de Lyonette e Marc; Príncipe de  
Sangue (*falecido*)  
Bernadette de Trevalion — filha de Lyonette e Marc; esposa de  
Ghislain de Somerville  
Lyonette de Trevalion — tia-avó de Ysandre; alcunhada Leoa  
de Azzalle (*falecida*)  
Marc de Trevalion — marido de Lyonette; anterior Duc de  
Trevalion (Azzalle)  
Nicola L'Envers y Aragon — prima de Ysandre

Membros da Família Real:  
La Sereníssima

Benedicte de la Courcel — tio-avô de Ysandre; Príncipe de Sangue

Maria Stregazza de la Courcel — esposa de Benedicte (*falecida*)

Etaine de Tourais — segunda esposa de Benedicte de la Courcel

Imriel de la Courcel — filho de Benedicte e segunda esposa

Marie-Celeste de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Marco Stregazza

Severio Stregazza — filho de Marie-Celeste e Marco; Príncipe de Sangue

Thérèse de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Dominic Stregazza (*falecido*)

FIDALGUIA D'ANGELINE

Isidore d'Aiglemort — filho de Maslin; Duc d'Aiglemort (Camlach) (*falecido*)

Marquise Solaine Belfours — fidalga; Secretária do Selo Privado  
Cecilie Laveau-Perrin — esposa do Chevalier Perrin (*falecido*); adepta da Casa Cereus; tutora de Phèdre e Alcuin

Roxanne de Mereliot — Senhora de Marsilikos (Eisande)

Quincel de Morhban — Duc de Morhban (Kusheth)

Sua Senhoria Rinforte — Prefeito da Irmandade Cassiline

Edmée de Rocaille — noiva de Rolande (*falecida*)

Faragon Shahrizai — Duc de Shahrizai (Kusheth)

Melisande Shahrizai — fidalga (Kusheth)

(Tabor, Sacriphant, Persia, Marmion, Fanchone — membros da Casa Shahrizai; parentes de Melisande)

Ghislain de Somerville — filho de Percy; casado com Bernadette de Trevalion

Percy de Somerville — Comte de Somerville (L'Agnace); Príncipe de Sangue; Comendador Real

Tibault de Toluard — Marquis de Toluard (Siovale)

Gaspar Trevalion — Comte de Fourcay (Azzalle); primo de Marc Apollonaire e Diàne — detentores do Marquesado de Fhirze

Vivienne Neldor, Marie de Flairs — damas de companhia de Ysandre  
Sua Senhoria Amaury Trente — Capitão da Guarda da Rainha  
Sua Senhoria Denise Grosmaine — Secretária da Presença

#### CORTE DA NOITE

Moirethe Lereux — Cortesã-Mor da Casa Rosa Amarela  
Favrielle nó Rosa Amarela — costureira  
Raphael Murain nó Genciana — adepto da Casa Genciana

#### Três Irmãs

Senhor do Estreito — controla os mares entre Alba e Terre d'Ange  
Hyacinthe — aprendiz do Senhor do Estreito; amigo de Phèdre; tsingano

#### Alba e Eire

Drustan mab Necthana — Cruarch de Alba, casado com Ysandre de la Courcel  
Eamonn mac Conor — Senhor dos Dalriada (*falecido*)  
Grainne mac Conor — irmã de Eamonn; Senhora dos Dalriada  
Necthana — mãe de Drustan  
(Breidaia, Moiread (*falecida*), Sibeal — filhas de Necthana)

#### LA SERENÍSSIMA

Cesare Stregazza — Doge de La Sereníssima  
Marco Stregazza — filho mais velho do Doge  
Ricciardo Stregazza — filho mais novo do Doge  
Allegra Stregazza — esposa de Ricciardo  
Benito Dandi — fidalgo, membro dos Immortali  
Orso Latrigan — fidalgo, candidato à eleição do Dogado

Bianca — Sacerdotisa das Eleitas; Oráculo de Asherat  
Vesperia — Sacerdotisa de Asherat; aprendiz de Oráculo  
Giulia Latrigan — fidalga  
Magister Acco — astrólogo  
Serena Pidari — esposa de Phanuel Buonard  
Felicity d'Arbos — antiga dama de companhia de Maria Stregazza  
Carcereiro-Mor de La Dolorosa  
Constantin, Fabron, Malvio, Tito — carcereiros

#### ILLYRIA

Vasilii Kolcei — Ban de Illyria, alcunhado o Zim Sokali  
Zabèla Kolcei — esposa do Ban  
Pjètri Kolcei — filho do meio do Ban  
Czibor — comandante da Guarda do Ban  
Kazan Atrabiades — capitão pirata  
(Epafra, Gavril, Lukin, Nikanor, Oltukh, Pekhlo, Spiridon,  
Stajeo, Tormos, Volos, Ushak — homens de Kazan)  
Daroslav — irmão de Kazan (*falecido*)  
Glaukos — homem de Kazan, antigo escravo tiberiano  
Zilje — esposa de Glaukos  
Marjopí — governanta de Kazan  
Njësä Atrabiades — mãe de Kazan  
Janàri Rossatos — Embaixador em La Sereníssima

#### KRITI

Oeneus Asterius — Hierofante dos Temenos  
Pasifae Asterius — a Kore dos Temenos  
Demetrios Asterius — Arconte de Faistos  
Timanthes — fidalgo, amante do Arconte  
Althaia — fidalga, irmã de Timanthes

#### OUTROS

Maestro Gonzago de Escabares — historiador aragonês; anti-  
go professor de Delaunay

Thelesis de Mornay — Poeta da Rainha  
Quintilius Rouse — Almirante Real  
Emile — membro da antiga equipagem de Hyacinthe  
Jacques Brenin — feitor de Phèdre  
Nahum ben Isaac — o Rebbe  
Hanna — mulher yeshuíta  
Micheline de Parnasse — Arquivista Real  
Tarren d'Eltoine — Capitão dos Imperdoáveis, Fortesul (Camlach)  
(Octave, Vernay, Svariel, Fitz, Giles — soldados dos Imperdoáveis)  
Phanuel Buonard — guarda de Troyes-le-Mont  
Louis Namot — Capitão do navio *Darielle*  
Brys nó Rinforte, David nó Rinforte — Irmãos Cassilines  
Gregorio Livinius — Príncipe de Pavento  
Duque e Duquesa de Milazza  
Gilles Lamiz — aprendiz de poeta  
Micah ben Ximen, Sarae, Teppo — yeshuítas; aliados de Joscelin  
Cervianus — ajudante do Templo de Asherat



## Um

---



**A**cabou com um sonho. Dez anos de paz, prometera-me o antigo Oráculo de Ashe-rat-do-Mar; dez anos tive eu, e nesse tempo a minha fortuna prosperou juntamente com a de Terre d'Ange, minha bem-amada nação. Quantas vezes um tempo de grande felicidade só é reconhecido depois de passado. Eu considerei uma bênção que a promessa do Oráculo servisse igualmente de advertência, e não deixei passar um dia em que não reconhecesse a sua graça. Mocidade e beleza tinha eu do meu lado, a última intensificando-se à medida que os anos temperavam a primeira. Assim havia a minha antiga mentora, Cecilie Laveau-Perrin, profetizado, e se eu levara as suas palavras com ligeireza na arrebatada mocidade dos meus vinte anos, reconheci-as como verdadeiras ao deixá-las para trás.

Vão cuidado, poderão muitos clamar, mas eu sou d'Angeline e não peço desculpas pelos nossos costumes. Comtesse de Montrève posso eu ser, e, deveras, heroína do reino — não haviam os meus feitos sido cantados em verso pelo próprio sucessor do Poeta da Rainha? —, mas eu assumira-me primeiro como Phèdre nó Delaunay, Serva de Naamah e Eleita de Kushiel, *anguissette* e a mais singularmente adestrada cortesã que o reino jamais conhecera. Nunca clamei que me faltasse vaidade.

Quanto ao resto, tinha aquelas coisas que prezava acima de tudo o mais, não sendo a menor delas a consideração da minha Rainha, Ysan-

dre de la Courcel, que me presenteara com a Estrela de Companheiro pelo meu papel em assegurar-lhe o trono dez anos atrás. Vira então nela as qualidades de uma grande governante; ousou dizer que todo o reino o tem visto de lá para cá. Ao longo de dez anos, Terre d'Ange tem conhecido paz e duradoura prosperidade; Terre d'Ange e Alba, governadas lado a lado por Ysandre de la Courcel e Drustan mab Necthana, o Cruarch de Alba, a quem tenho o privilégio de chamar amigo. Decerto a mão de Elua estava pousada sobre aquela união, quando o amor fincou raiz onde haviam sido lançadas as sementes da aliança política! Verdadeiramente, o amor provou ser a maior força, conquistando até o mortal Estreito que os dividia.

Embora fosse necessário o sacrifício de Hyacinthe para alcançá-lo. Daí, a natureza do meu sonho.

Não sabia, quando dele despertei, trémula e esbaforida, as lágrimas escorrendo-me por sob as pálpebras cerradas, que era o princípio do fim. Mesmo na felicidade, jamais esqueci Hyacinthe. Nunca tinha sonhado com ele antes, é verdade, mas ele estava sempre presente no meu pensamento. Como poderia não estar? Ele era o meu mais antigo e querido amigo, o companheiro da minha infância. Nem mesmo o meu senhor Anafiel Delaunay, que me acolheu na sua casa com a idade de dez anos, que me adestrou nas artes da dissimulação e cujo nome uso até ao dia de hoje, me conhecia desde há tanto tempo. O que sou, o que me tornei, devo-o ao meu senhor Delaunay, que transformou com umas quantas palavras o meu defeito fatal em marca sagrada, sinal do Dardo de Kushiel. Mas foi Hyacinthe quem primeiro me conheceu, que foi meu amigo quando eu nada mais era do que o fruto indesejado de uma meretriz, uma órfã da Corte da Noite com um cisco escarlate no olho esquerdo que a tornava imprópria para o Serviço de Naamah, que levava a supersticiosa gente do campo a apontar e olhar especada e chamar-me nomes.

E foi com Hyacinthe que sonhei. Não o mancebo que eu deixara para um destino pior que a morte — um destino que *deveria* ter sido meu — mas o rapazito que eu conhecera, o rapaz tsingano de caracóis negros e sorriso folgazão, que, por sobre uma banca derrubada de mercado, me estendera a mão em amizade conspiradora.

Inspirei fundo e estremecidamente, sentindo o sonho retroceder, as lágrimas ainda húmidas nas minhas faces. Tão simples, para suscitar tal horror! No meu sonho, eu encontrava-me postada na proa de um navio, um dos velozes e ágeis navios illyrianos que eu tão bem conhecia das minhas aventuras, e chorava ao olhar um golfo de água abrindo-se

entre a minha embarcação e a costa rochosa de uma ilha solitária, onde o rapaz Hyacinthe jazia só implorando, estendendo os braços e chamando o meu nome. Ele resolvera um mistério, ali, nomeando a fonte do poder do Senhor do Estreito. Eu também lhe dera resposta, mas Hyacinthe usara a *dromonde*, o dom tsingano da vidência, e a sua resposta fora mais fundo do que eu lograria ir. Ele conquistara passagem para nós através do Estreito quando mais dela precisávamos e o custo disso foi tudo o que ele teve, amarrando-o àquelas costas rochosas por toda a eternidade, a menos que o *geis*<sup>1</sup> pudesse ser quebrado. Isto procurara eu fazer, e no meu sonho, tal como na vida, fracassara. Podia ouvir a equipagem atrás de mim, praguejando de desespero face aos ventos contrários que nos impeliam para mais longe ainda, a vasta extensão de água pardacenta alargando-se entre nós, e com ela os gritos de Hyacinthe, a sua voz de menino chamando a mulher que eu me tornara, Phèdre, Phèdre!

Toda eu me arrepiei ao recordá-lo e voltei-me sem pensar a buscar consolo, enroscando o corpo contra a calidez de Joscelin adormecido e apoiando a face manchada de lágrimas no seu ombro — pois essa era a derradeira e maior das minhas dádivas, e a que eu mais prezava: o Amor. Nestes dez anos, Joscelin Verreuil tem sido meu consorte, e se por mais de mil vezes temos brigado e querelado e muita dor causado um ao outro, não há um só dia de entre eles a que eu renunciasse. Deixar que o reino se ria — e ri-se — ao pensar na união entre uma cortesã e um Cassiline; nós sabemos o que somos um para o outro.

Joscelin não acordou, agitando-se meramente no sono, acomodando o corpo ao meu. O luar jorrava através da janela da nossa câmara sobranceira ao jardim; o luar e a ténue fragrância das ervas aromáticas e das rosas, emprestando um matiz de prata ao seu cabelo espalhado sobre as almofadas e adoçando a atmosfera. Lugar bem aprazível para dormir e fazer amor. Encostei silenciosamente os lábios ao ombro de Joscelin, quedando-me imóvel a seu lado. Poderia ter sido Hyacinthe, se as coisas houvessem sido diferentes. Sonháramos com isso, ele e eu.

A ninguém é dado saber como poderia ter sido.

Assim cismei eu, e a seu tempo adormeci e sonhei que cismava ainda, até acordar e dar com a luz do sol alongando-se numa faixa resplandecente através dos lençóis e Joscelin já acordado no jardim. O aço das suas adagas relampejava à medida que ele fluía através da irrepre-

---

<sup>1</sup> Na mitologia celta irlandesa, *geis* (plural, *geasa*) é um feitiço mágico, em geral imposto por uma mulher, que pode ser comparado a uma maldição, ou, paradoxalmente, a um dom. (N. da T.)

ensível série de exercícios que executara cada dia da sua vida desde os dez anos de idade, as formas de adestramento de um Irmão Cassiline. Mas só depois de eu me ter levantado e banhado e quando quebrava o jejum é que ele entrou a saudar-me, e, quando o fez, os seus olhos azuis estavam ensombrados.

— Temos novas — disse —, de Azzalle.

Detive-me com um pedaço de pão barrado de mel a meio-caminho da boca e pousei-o cuidadosamente no prato, lembrando-me do meu sonho. — Que novas?

Joscelin sentou-se diante de mim, apoiando os cotovelos na mesa e pousando o queixo nas mãos. — Não sei. Tem que ver com o Estreito. O mensageiro de Ysandre nada mais quis adiantar.

— Hyacinthe — disse eu, sentindo-me empalidecer.

— Quiçá. — A voz dele soava grave. — Querem-nos na corte assim que te aprontes.

Ele sabia, tal como eu; Joscelin estava presente, quando Hyacinthe chamara para si a condenação que deveria ter sido minha, usando a *dromonde* para levar a melhor sobre os meus conhecimentos e consagrar-se a si mesmo ao exílio eterno. Belo destino para o Príncipe dos Viajantes, condenado a uma interminável existência numa diminuta ilha no meio das profundezas que apartavam Terre d'Ange e Alba, destinado a servir de herdeiro ao Senhor do Estreito.

Tal fora a natureza da sua barganha. O Senhor do Estreito jamais se libertaria da sua maldição até que alguém tomasse o seu lugar. Um de nós teria de ficar. Eu soubera-o necessário; tê-lo-ia feito eu. E teria valido a pena o sacrifício, pois, não fosse ele, os navios de Alba jamais teriam atravessado o Estreito, e Terre d'Ange teria caído face ao exército conquistador dos Skaldi.

Eu dera resposta ao mistério e as minhas palavras eram verdadeiras: o Senhor do Estreito retirava o seu poder do Livro Perdido de Raziel. Mas a *dromonde* olha para trás assim como para a frente, e a resposta de Hyacinthe fora mais fundo. Ele vira a própria gênese do *geis*, como o anjo Rahab amara uma mulher mortal que não o amava, e a fizera cativa. Como ele nela gerara um filho, e como ela buscara escapar-lhe não obstante, e perecera ao tentá-lo, juntamente com o seu bem-amado. Como Rahab fora punido pelo Deus Um pela sua desobediência, e como ele fizera recair a vingança de um coração enfurecido no filho, que um dia haveria de ser nomeado Senhor do Estreito. Como Rahab trouxera para a superfície páginas do Livro Perdido de Raziel, resgatadas das profundezas. Como Rahab as dera ao filho, lhe dera o

domínio sobre as águas e o amarrara ali, numa solitária ilha das Três Irmãs, condenando-o a separar Terre d'Ange e Alba, pelo tempo que durasse a sua punição.

Tal era o destino que Hyacinthe herdara.

Durante mais de dez anos, eu buscara maneira de quebrar a maldição que ali o amarrava, mergulhando no estudo da doutrina yeshuíta na esperança de encontrar uma chave para a sua libertação. Se alguma chave existia, ela poderia ser encontrada nos ensinamentos daqueles que seguiram Yeshua ben Yosef, o reconhecido descendente do Deus Um. Mas, se é que ela existia, eu não a encontrara.

Essa era uma das poucas coisas nas quais eu falhara redondamente.

— Vamos. — Empurrei o prato para longe, desaparecido o apetite. — Se é que algo aconteceu, preciso de sabê-lo.

Joscelin assentiu e levantou-se para ordenar ao moço de estrebalaria que aprestasse o coche. Eu fui mudar de roupa para um traje mais apropriado à corte, envergando um vestido de seda âmbar e prendendo a Estrela de Companheiro no decote, o diamante gravado com o signo de Elua resplandecente no seu esplendoroso engaste de ouro. É uma honra embaraçosa, esse broche, mas se a Rainha mandara chamar-me, não ousava aparecer sem ele. Ysandre era escrupulosa no que tocava às honras que outorgava.

O meu coche é bem conhecido na Cidade de Elua, luzindo de cada lado as armas revistas de Montrève. Aqui e ali ao longo das ruas, dirigiram-me joviais saudações e beijos soprados, e contive a ansiedade para aceitar tal tributo com um sorriso, pois não era culpa dos meus admiradores que os meus nervos estivessem em franja nessa manhã. Joscelin levava-o com o seu costumado estoicismo. Teria sido um ponto de contenda entre nós dois, outrora. Tornámo-nos um pouco mais avisados com os anos.

Se tenho patronos ainda, são em menor número e mais seleccionados — três vezes por ano, nem mais nem menos, aceito eu um encontro como Serva de Naamah. Provou ser, após muita querela e debate, um compromisso que ambos podemos tolerar. Eu não posso evitar que o Dardo de Kushiel me impila a violentos desejos; sou uma *anguissette*, e destinada a encontrar o maior prazer mesclado com a dor. Assim como Joscelin não pode alterar o facto de ser feito de outra maneira.

Ouso dizer que ambos nós sabemos que há apenas duas pessoas no mundo capazes de verdadeiramente nos apartar. E uma...

A ninguém é jamais dado saber como poderia ter sido.

Hyacinthe.

Quanto à outra... de Melisande Shahrizai, não falamos nós, salvo em termos de política do dia. Joscelin bem sabe, melhor que eu, o ódio que nutro por ela; quanto ao resto, é a maldição da minha natureza e um fardo que carrego em silêncio. Ofereci-me a ela, em tempos, a troco do paradeiro de seu filho. Não era preço que Melisande estivesse disposta a pagar. Não julgo que ela houvesse vendido esse conhecimento fosse por que preço fosse, pois ninguém vivo o detém. Eu sei, porque o busquei.

Essa é a outra coisa em cuja descoberta falhei redondamente.

Importa menos, agora; um pouco menos, embora não seja de fiar quando se trata de Melisande. Ysandre achou os meus medos infundados, em tempos, coloridos pelas emoções de uma *anguissette*. Isso foi antes de descobrir que Melisande Shahrizai desposara o seu tio-avô Benedicte de la Courcel, e dera à luz um filho que se encontrava na linha de sucessão ao próprio trono de Terre d'Ange. Agora, escuta; agora, nenhuma visão interior tenho para lhe oferecer. Embora Benedicte esteja há muito morto e com ele o seu conspirador Percy de Somerville, Melisande permanece no santuário de Asherat-do-Mar. Seu filho Imriel continua desaparecido, e eu não posso adivinhar as manobras dela.

Mas a minha Rainha Ysandre apoquentava-se menos desde que deu à luz uma filha oito anos atrás, e outra dois anos mais tarde. Agora duas herdeiras se interpõem entre o rapaz de Melisande e o trono, e bem guardadas cada dia das suas vidas; mais premente inquietação é a sucessão de Alba, que mantém a sua tradição matrilinear. A menos que Drustan mab Necthana ouse quebrar a tradição cruithne, o seu herdeiro procederá não das suas entranhas, mas do ventre de uma das suas irmãs. Tais são os costumes do seu povo, os do *Cullach Gorrym*, que se denominam a si mesmos os Filhos Mais Velhos da Terra. Duas irmãs tem ele vivas, Breidaia e Sibeal, e nenhuma delas casada com alguém da linhagem de Elua.

Assim estava a política de Terre d'Ange, após dez anos de paz, no dia em que me desloquei ao Palácio para ouvir as novas de Azzalle.

Azzalle é a província mais setentrional da nação, confinando com o delgado Estreito que nos aparta de Alba. Outrora, essas águas eram praticamente intransponíveis, sob o comando daquele que nomeámos Senhor do Estreito. Isso mudou, desde o sacrifício de Hyacinthe e o casamento de Ysandre e Drustan — contudo, mesmo assim, nenhum navio logrou ainda acostar àquelas ilhas conhecidas como as Três Irmãs. As constrições mudam, mas a maldição perdura, lançada pelo desobediente anjo Rahab. Pelo tempo que durar a sua punição, a maldição mantém-se.

Como observou o Senhor do Estreito, o Deus Um tem uma longa memória.

Senti um arrepio de mau agoiro ao sermos admitidos no pátio do Palácio. Poderia ter sido de esperança, não fora o sonho... mas lá estava o sonho. Por uma vez antes, os meus medos haviam-se manifestado em sonhos, embora fosse necessário um adepto adestrado da Casa Genciana para me permitir vê-los — e haviam provado ser horrendamente bem fundados dessa vez. Desta feita, recordava-me. Acordara lavada em lágrimas, e recordava-me. As palavras de uma velha cega e um arrepio na minha alma preveniam-me de que uma década de graça estava a chegar ao fim.

## Dois

---



**Y**sandre recebeu-nos numa das suas câmaras de conselho menores, uma sala de teto alto e abobadado, dominada por uma só mesa em torno da qual havia oito cadeiras estofadas. Três homens com a libré manchada de viagem da Casa Trevalion estavam sentados de cada lado, e a Rainha à cabeceira.

— Phèdre. — Ysandre acercou-se a dar-me o beijo da saudação quando nos fizeram entrar na câmara. — Messire Verreuil. — Sorriu quando Joscelin a saudou com a sua vénia Cassiline, os braços cobertos de braçais cruzados diante dele. Ysandre sempre lhe fora afeiçoada, e ainda mais desde que ele fizera face a uma espada assassina em sua defesa. — Sede bem aparecidos. Pensei que desejaríeis ser os primeiros a ouvir esta singularidade.

— Minha se... — Contive-me porventura pela milésima vez; ser portadora da Estrela de Companheiro dava-me o direito de me dirigir aos descendentes de Elua como iguais, coisa contrária à minha natureza e adestramento mesmo ao fim de tantos anos. — Ysandre. Assim é deveras, obrigada. Há novas do Estreito?

Os três homens sentados à mesa haviam-se posto em pé quando a Rainha se levantara, e Ysandre voltou-se para eles. — Este é Evrilac Duré de Trevalion, e os seus homens de armas Guillard e Armand — anunciou. — Ao longo do último ano, têm mantido a vigília do meu senhor Ghislain nó Trevalion na Pointe des Soeurs.

Os joelhos fraquejaram-me. — Hyacinthe — sussurrei. A Pointe des Soeurs jazia no noroeste de Azzalle no ducado de Trealion, o mais próximo das ilhas a que os D'Angelines chamaram Três Irmãs; fora lá que o Senhor do Estreito fora condenado a deter o seu domínio, e Hyacinthe a suceder-lhe.

— Não temos novas do tsingano, Comtesse — disse Evrilac baixinho, dando um passo em frente e concedendo-me uma breve vénia. Era um homem alto dos seus quarenta e poucos anos, com rugas nos cantos dos olhos cinza decorrentes de tanto olhar à distância para o mar. — Lamento. Todos temos ouvido muito falar do seu sacrifício.

E teriam, em Azzalle. Fora ali que acostáramos, d'Angelines, cruihne e dalriada, carregados para a foz do Rhenus pela poderosa e elevada vaga comandada pelo Senhor do Estreito, o golpe da nossa perda ainda fresco e a arder. E fora Ghislain nó Trealion que ali fora ao nosso encontro; Ghislain de Somerville, então. Repudiara o nome do pai desde então, e por isso não o censuro eu.

— Sentai-vos e escutai. — Ysandre acenou com a mão na direção da mesa.

Embora o reino esteja em paz, são mantidos os costumes de vigilância na Pointe des Soeurs; os Azzalenses são orgulhosos, e cientes do facto de que o promontório rochoso fica bem cerca da fronteira de Kusheth. Mesmo em tempos de paz, não são inusitadas escaramuças entre os descendentes dos Companheiros de Elua. O Abençoado Elua, concebido do sangue de Yeshua ben Yosef e das lágrimas de Maria Magdalena, engendrado no ventre da Terra, não buscou domínio algum aqui, onde foi acolhido de braços abertos após o seu longo errar. Ele fez deste lugar a sua casa, e Terre d'Ange se chamou doravante em sua honra. *Ama à tua vontade*, rogou-nos ele; nada mais. A coisa é diferente entre os seus Companheiros — Azza, Naamah, Anael, Eisheth, Kushiel, Shemhazai e Camael —, os anjos caídos que asseguraram a sua liberdade e ajudaram a sua passagem, e que entre si dividiram o reino. Muitas dádivas nos deram eles; e dissensão, também. Apenas Cassiel não tomou parte alguma, permanecendo sempre ao lado de Elua, o Companheiro Perfeito.

Foram-se, já, para a verdadeira Terre d'Ange-que-jaz-no-além. Por uma vez, e uma vez só, foi feita paz entre o Deus Um e a Mãe Terra, para que assim pudesse ser. Apenas nós, seus descendentes, fomos deixados para respeitar o preceito do Abençoado Elua o melhor que possamos — mas somos seus descendentes e a nossa história continua. E esta, então, foi a história que se fez ouvir, contada primeiro por Armand, que estava de serviço no turno da noite quando tudo começara.

— Relâmpagos — disse Armand de Trevalion — tais como eu jamais havia visto; brancos-azulados e faiscantes, minha senhora, quais grandes forquilhas recortadas, todos vindos de uma só nuvem, a cerca de dez milhas da costa. — Encolheu os ombros. — Não posso estar certo, no escuro, mas é nessa direção que ficam as Três Irmãs; estou tão certo como qualquer homem poderia estar de que a nuvem pairava sobre elas.

— Seguramente nada há assim de tão singular numa trovoadas — disse amavelmente Joscelin.

Armand abanou a cabeça. — Tenho visto trovoadas, Messire Cassiline, naturais ou não. Esta é a minha terceira temporada de serviço na Pointe des Soeurs. Isto não foi trovoadas alguma, e coisa igual jamais vi. Estava uma noite calma, com o céu negro como veludo e cada estrela visível salvo onde a nuvem as toldava a todas. A cada relâmpago era-me dado ver o bojo inferior da nuvem, negro e violeta, raiado de laivos de ouro. Quedei-me no parapeito na quietude de uma noite primaveril a olhá-la. Depois fui chamar o comandante.

— Ele descreve-o fielmente — afirmou Evrilac Duré. — Tudo à nossa volta estava calmo, mas embora as ondas marulhassem amavelmente e os insetos cantassem na Pointe des Soeurs, podíamos ver os céus fendidos e os mares em fúria para as bandas das Três Irmãs. — Cruzou as mãos em cima da mesa. — Tenho visto muitas coisas estranhas, vivendo no Estreito. Nem um homem ou mulher, de Alba ou d'Angeline, o negaria. Marés que desafiam a Lua, correntes movendo-se para trás, redemoinhos e turbilhões e vagas que não rebentam. Vós mesmos haveis visto o Rosto das Águas, assim não é?

— Sim. — É coisa que, uma vez vista, jamais se esquece.

— Assim se diz — murmurou Duré. — Mas eu jamais vi coisa assim, nem dela ouvi falar. Durante boa parte da noite continuou, irrompendo cada vez mais cerrada enquanto eu e Armand observávamos do parapeito. Coisa bela de se ver; e aterrorizadora. Nos momentos finais antes do alvorecer deu-se uma derradeira conflagração, um clarão tão forte que bem ofuscou todo o firmamento, e um estrondoso trovão. E uma voz, gritando; uma voz de homem, ao que parecia, mas tão vasta que alastrava através de vagas e mares. Um só grito. — Quedou-se em silêncio por um momento. — Depois, nada.

— Acordou a guarnição, se acordou — acudiu o terceiro homem, Guillard. — E eu fui o primeiro a sair porta fora, com o céu já raiado de cinza para levante. Vi a vaga vir e rebentar na costa, e o que deixou no seu rasto. Peixes, enguias, é só nomear; milhares, eram eles, estre-

buchando e morrendo nas pedras. Uma grande vaga em forma de anel, qual ondulação de uma pedra lançada à água. — Abanou a cabeça. — Ao longo de toda a costa, tão longe quanto a vista abarcava, um imenso contorcer e estrebuchar. Jamais vi coisa igual.

— Pois então. — Franzi o cenho. — Haveis visto uma nuvem, e estranhos relâmpagos; depois uma vaga, que trouxe muitos peixes para terra. E então as ilhas? Haveis tentado acostar às Três Irmãs?

Os homens de Trealion entreolharam-se, e as mãos cruzadas de Evrilac Duré crisparam-se. — Não tentámos — disse laconicamente. — As nossas ordens são vigiar e reportar. Mandeí palavra ao meu senhor Ghislain, e ele rogou-me que trouxesse a nova a toda a pressa a sua majestade a Rainha. Isto, fiz eu.

Estava com medo. Vi-o nos seus olhos, nas linhas cerradas em torno da boca. Não podia censurá-lo. Homens de Trealion haviam morrido ao tomar de assalto o Estreito; bom número deles a comando de Ghislain, há uns doze anos atrás. Não por culpa dele, mas por ordem do antigo Rei, avô de Ysandre, Ganelon de la Courcel. Ainda assim, haviam morrido, e eu não podia condenar Duré por ter medo. Também eu tinha.

Ysandre aclarou a garganta. — Já enviei mensageiros a alertar Quintilius Rousse, Phèdre. Mas ele está fora em viagem a Khebbel-im-Akkad, e não deverá retornar antes do fim do verão. Achei que desejaríeis saber. É do meu conhecimento que haveis estudado aturadamente o Senhor do Estreito.

— Sim. — Passei as mãos pelo rosto, desejando que o Almirante Real não estivesse ausente. Quintilius Rousse havia estado presente, quando Hyacinthe fizera a sua escolha; além do mais, tinha uma que-rela de há muito com o Senhor do Estreito. Fora Rousse quem pusera à prova as defesas das Três Irmãs, ano após ano. Se é que havia algum homem feito para pô-las à prova de novo, era ele. Eu apenas tinha uma doutrina sem préstimo do meu lado — e Joscelin, que pouca ajuda constituía no mar, já que o meu Companheiro Perfeito, infelizmente, não era marinheiro nenhum e as mais das vezes encontrava-se acometido de vômitos sobre as amuradas.

— O que pensais disto? — O olhar de Ysandre era bondoso. Ela conhecera Hyacinthe, ainda que fugazmente, e sabia da nossa longa amizade.

— Não sei. — Ergui a cabeça. — O Senhor do Estreito disse que seria um longo aprendizado. Quiçá não passará disso, algum fenómeno de poder, uma demonstração. Mas sinto no coração que poderá ser alguma coisa mais. Com a vossa permissão, aprazer-me-ia investigar.

— Ela vos é concedida. — Ysandre baixou o olhar sobre Evrilac Duré, não sem uma certa aspereza. — Messire Duré, não ordenarei a homem algum de Trevalion que tome de assalto as Três Irmãs... mas pedi-lo-ei. Se Phèdre nó Delaunay ali desejar viajar, transportá-la-eis?

Evrilac Duré engoliu visivelmente em seco, levantando um tudo-nada o queixo. São orgulhosas, as gentes de Azzalle, e ela espicaçara-o. A minha Rainha aprendera umas tantas coisas quanto a manejar pessoas desde que ascendera ao trono. — Majestade! — disse ele bruscamente. — Assim faremos.

Assim foram os nossos planos traçados. Ysandre dispensou os azzalletes para que lhes fosse concedido alimento e repouso, deixando instruções junto do Secretário do Tesouro Privado para que lhes fosse dada recompensa e providos fundos generosos à nossa excursão. A mim e a Joscelin, convidou ela a tomar repasto no seu jardim em sua companhia, coisa com que me congratulei, estando já com fome depois do meu primeiro almoço interrompido.

O sol do final da manhã incidia qual bálsamo na flora verdejante, com duas vezes o tamanho do meu modesto jardim e três vezes mais bem cuidado. Foi um raro momento de intimidade que partilhámos com Ysandre, degustando grogue com os primeiros frutos da primavera. Pouca gente no reino havia em quem a Rainha confiasse implicitamente. De todas as honras que ela me tem outorgado, é essa a que eu considero mais preciosa.

O Camareiro do Infantado trouxe Sidonie e Alais, filhas de Ysandre, a saudar sua mãe a Rainha que jantava, e devo confessar que foi uma bonita visão. A mais velha, Sidonie, era uma menina grave, com uma cascata lisa e cintilante de cabelo cor de ouro velho e os escuros olhos cruithne do pai. Vi muito de ambos os pais na jovem Delfina, e menos na sua irmã Alais, que era pequena e morena e dada a travessuras. Foi ela que trepou para o regaço de Joscelin, encostando-lhe a cabeça encaracolada sob o queixo. Joscelin riu-se e deixou-a brincar com as fivelas dos seus braços. Ajeitava-se bem com crianças, mais que eu.

Ysandre sorriu com a indulgência resignada de uma mãe, afagando o cabelo brilhante de Sidonie quando esta ajoelhou junto dela, absorvida a enrolar violetas em torno da perna de ferro forjado da mesa. — Alais não é assim dada com a maior parte das pessoas, meu senhor Cassiline. Quiçá, deveríeis considerar a paternidade; para ela pareceis ter pendor.

— Ah. — Joscelin deslizou o braço em torno da criança, sustentando-a no lugar enquanto estendia a mão para uma travessa de bagos sil-

vestres. — Já quebrei votos bastantes sem insultar a graça de Cassiel, minha senhora.

A Rainha ergueu as sobrancelhas louras para mim, e eu retribuí-lhe o olhar sem pestanejar.

Havíamos pensado nisso, é claro; como não? Mas havia alguma verdade nas palavras de Joscelin, e uma verdade mais profunda a que não dei voz para Ysandre. Eu tenho um nome malfadado, que me foi dado por uma mãe que conhecia com fartura as artes de Naamah, e pouco mais. O meu senhor Kushiel marcou-me como sua, e tem arremessado o seu dardo para lugares mais longínquos e mortais do que eu poderia ter sonhado. Quem pode dizer, se o dúbio dom de uma *anguissette* é hereditário? Nunca ouvi dizer que o fosse; nem ouvi que não fosse. Eu sou o que sou, e de nada vale lamentá-lo. Ouso dizer que não teria sobrevivido às aventuras com que me deparei não fora a minha relação única com a dor. *Lypiphera*, chamaram-me na ilha de Kriti; Sofredora.

Todavia, não tinha desejo de passar este dúbio dom a criança alguma do meu sangue, e jamais invocara a bênção de Eisheth para abrir os portões do meu ventre. É mais duro ver outro sofrer do que suportarmos nós o sofrimento. Há formas de dor de que até uma *anguissette* foge. Esta era uma delas.

— Assim seja — disse Ysandre gentilmente, assentindo para a Estrela de Companheiro que eu trazia ao peito. — Sempre julguei que estivésseis a guardar a vossa mercê para os vossos filhos, Phèdre. Um ducado, uma concessão de título real; até um noivado, quiçá. Dei a minha palavra.

— Não. — Passei os dedos pelo broche e abanei a cabeça, respondendo com honestidade. — Nada há de que necessite ou que deseje, minha senhora, salvo o que não está no vosso poder conceder. — Sorri lastimosamente. Nascemos à revelia da divindade, nós D'Angelines, e o Deus Um lavou as mãos sobre os descendentes do Abençoado Elua; nem mesmo uma rainha pode alterar esse facto. — Podeis trazer os mortos à vida, ou dar-me a chave para trancar a vingança do Deus Um? Tudo o mais que eu possa desejar, haveis posto ao meu dispor.

— Tomara que mais fosse. A minha dívida para convosco é grande. — Ysandre levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro, detendo-se para olhar a vastidão verdejante do seu santuário. Aqui não havia ervas, apenas flores para seu deleite, amorosamente cultivadas pelos seus jardineiros. Junto ao portão, quatro membros da Guarda da Rainha preguiçavam à vontade, simultaneamente relaxados e atentos, com o Camareiro do Infantado aguardando nas cercanias e criados com

a libré da Casa Courcel a postos para atender ao seu prazer. A Delfina Sidonie estava sentada de pernas cruzadas nas lajes do chão, entoando uma música em surdina à medida que tecia uma grinalda, e a pequena Alais puxava pela trança de Joscelin. — Não há novas do rapaz de Melisande?

— Não. — Disse-o suavemente, abanando a cabeça, embora ela não pudesse ver. — Dir-vos-ia se houvesse, minha senhora.

— Phèdre. — Ela deu meia-volta, olhando-me nos olhos. — Jamais deixareis de vos esquecer, quase prima?

— Provavelmente não. — Sorri para ela, inclinando-me para apanhar um punhado de violetas do regaço de Sidonie e entrelaçando-as habilmente numa grinalda intrincada. Eu própria as fizera em criança, para adorno das adeptas na Corte das Flores da Noite. — Pronto — disse, depondo-lha sobre a cabeça. A criança resplandeceu de prazer, levantando-se para correr com passos cautelosos e mostrar à mãe.

Há coisas que uma cortesã sabe fazer que uma rainha não sabe.

— Que linda — disse Ysandre, baixando-se para plantar um beijo na fronte da filha. — Agradecei à Comtesse, Sidonie.

— Obrigada, Comtesse — disse a menina obedientemente, voltando-se para me encarar. Sua irmã Alais deixou escapar uma risadinha e ouviu-se o tinir do aço quando ela puxou uma das adagas de Joscelin da bainha. Os guardas atentaram sobressaltados ao som, relaxando com risadas enquanto um mortificado Joscelin lhe tirava cuidadosamente o cabo das mãozinhas. A Delfina Sidonie pareceu ficar horrorizada com a falta de decoro da irmã; Alais pareceu agradada.

Ysandre de la Courcel pareceu resignada. — Quiçá, estareis certa — disse retoricamente. — Que Elua abençoe a vossa demanda, Phèdre. E, se passardes pela nau capitania do Cruarch na vossa viagem, dizei-lhe que se apresse.